

Festival Música Nova celebra a vanguarda

O mais longevo evento do tipo na América Latina retorna de modo virtual, celebrando também a vida e a obra de Gilberto Mendes

PEDRO PORTO*

ESPECIAL PARA A TRIBUNA

Reconhecido como o mais duradouro e importante festival de música contemporânea da América Latina, o Festival Música Nova Gilberto Mendes, organizado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, terá sua 56ª edição. Mais uma vez, ele será on-line, modelo adotado desde 2020, com a chegada da pandemia.

Entre segunda e sexta-feira da próxima semana, ocorrem mais de 30 ações artísticas, incluindo concertos, palestras, oficinas e sessões de videodança, cinema e literatura. O diretor artístico do evento, Márcio Barreto, explica que há destaque para os compositores santistas na Escola Santista de Música Nova.

“Era um núcleo de pesquisa desenvolvido pelo próprio Gilberto Mendes. Compositores e músicos como Antonio Eduardo Santos, Gil Nuno Vaz, Sílas Palermo e João Carlos Rocha, que atualmente mora nos Estados Unidos, entre outros, são nomes expressivos desse movimento”, diz Barreto.

Santos, São Vicente e Cubatão têm forte participação no festival e, nesta edição, apresentarão concertos, palestras, videodança e curtas-metragens. Antonio Eduardo Santos, que é coordenador da Cátedra Gilberto Mendes da Universidade Católica de Santos (UniSantos), conta que a música contemporânea sempre fez parte de sua vida como pesquisador, maestro, pianista, intérprete e educador.

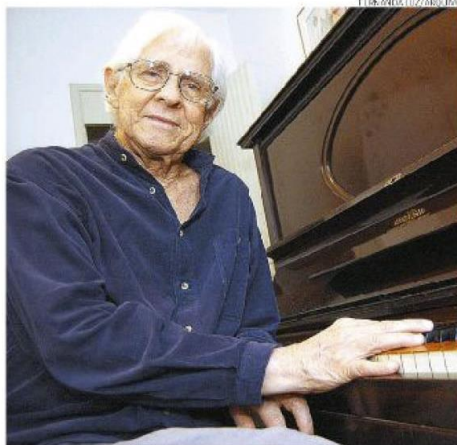
“O Festival Música Nova segue firme na sua característica de ser um painel da música contemporânea em sua diversidade de propostas e estéticas. Assim foi desde o começo, em 1962. Trazê-lo para Santos e mantê-lo aqui, que foi o berço do movimento, faz de nossa Cidade o núcleo histórico da renovação da linguagem musical no Brasil”.

DETODOS OSTEMPOS

Para o compositor Gil Nu-



A Orquestra Sinfônica de Santos se apresenta no Festival de 2013; este ano, ainda será on-line



Compositor Gilberto Mendes (1922-2016) foi o idealizador do festival

no Vaz, houve uma “imersão profunda” no que pode ser chamado de “espírito” do Festival. “Houve uma concepção atemporal da Música Nova”, comenta.

“Não apenas o conceito da *neue musik* que protagonizou o cenário musical na época em que o evento foi criado, mas a música

nova de todos os tempos, um diálogo do contemporâneo com a invenção de outros séculos. Prefiro pensar como música nova atemporal, numa descontextualização verbal do contemporâneo e da vanguarda”.

O maestro regente do Madrigal ARS Viva, Ro-

PARA VER E OUVIR

Ao todo, são mais de 30 ações artísticas gratuitas, incluindo concertos, palestras, oficinas, sessões de videodança e cinema entre os dias 21 e 26 de março, sempre a partir das 19 horas, a serem transmitidos no canal do YouTube do festival.

PAINEL

“O Festival segue firme na sua característica de ser um painel da música contemporânea em sua diversidade de propostas e estéticas. Assim foi desde o começo, em 1962”

Antonio Eduardo Santos
Coordenador da Cátedra
Gilberto Mendes, da UniSantos

berto Martins, concorda com Gil Nuno. Para ele, o festival é um fenômeno internacional, que não se restringe a compositores brasileiros.

“Aqueles que aderiram ao tipo de música, de experimentação, que estava sendo mostrado, eram re-

presentados pelo festival. Muito raramente se mostra música que não era da linha experimental mas acontecia. Em algumas ocasiões, o festival misturou, por exemplo música medieval com música contemporânea”, lembra o maestro.

Martins também esclarece que o objetivo não era tocar música nacionalista e sim música brasileira. “Não era um movimento fechado. Nunca houve preconceito. O festival tem sido um reflexo do que mais de novo se faz em música nos séculos 20 e 21”.

*REPORTAGEM FEITA COMO PARTE DO PROJETO LABORATÓRIO DE NOTÍCIAS A TRIBUNA - UNISANTOS SOB SUPERVISÃO DO PROFESSOR EDUARDO CAVALCANTI E DO DIRETOR DE CONTEÚDO DO GRUPO TRIBUNA, ALEXANDRE LOPES.

Evento traz transformação estética

LINGUAGENS

“Elas trouxeram linguagens que estavam sendo discutidas nos principais centros europeus, como o aleatorismo e o serialismo integral, ou seja, fizeram uma grande atualização também com a música eletroacústica”

Diósnio Machado Neto
Professor universitário

Para ele, o festival sempre foi um espaço de atualização das técnicas de composição e, ao mesmo tempo, uma ponta de lança que

quebrava a dominância que havia da “música modernista nacionalista”.

No entanto, ele admite que o Festival Música Nova nunca teve grande presença de público.

“As pessoas que vão aos concertos são interessadas no tema, ou amigos dos compositores e músicos. Não é um evento de massa, muito longe disso. Eu acompanhava o Gilberto (Mendes) nos concertos, e sempre era um público diminuído e bastante seletivo, se restringia a pessoas que gostavam ou tinham convivência com a música de concerto”.